

# Carlos Drummond de Andrade – Passagem do ano

O último dia do ano  
não é o último dia do tempo.  
Outros dias virão  
e novas coxas e ventres te comunicarão o calor da vida.  
Beijarás bocas, rasgarás papéis,  
farás viagens e tantas celebrações  
de aniversário, formatura, promoção, glória, doce morte com  
sinfonia e  
coral,  
que o tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor,  
os irreparáveis uivos  
do lobo, na solidão.

O último dia do tempo  
não é o último dia de tudo.  
Fica sempre uma franja de vida  
onde se sentam dois homens.  
Um homem e seu contrário,  
uma mulher e seu pé,  
um corpo e sua memória,  
um olho e seu brilho,  
uma voz e seu eco,  
e quem sabe até se Deus...

Recebe com simplicidade este presente do acaso.  
Mereceste viver mais um ano.  
Desejarias viver sempre e esgotar a borra dos séculos.  
Teu pai morreu, teu avô também.  
Em ti mesmo muita coisa já expirou, outras espreitam a morte,  
mas estás vivo. Ainda uma vez estás vivo,  
e de copo na mão  
esperas amanhecer.

O recurso de se embriagar.  
O recurso da dança e do grito,  
o recurso da bola colorida,  
o recurso de Kant e da poesia,  
todos eles... e nenhum resolve.

Surge a manhã de um novo ano.

As coisas estão limpas, ordenadas.  
O corpo gasto renova-se em espuma.  
Todos os sentidos alerta funcionam.  
A boca está comendo vida.  
A boca está entupida de vida.  
A vida escorre da boca,  
lambuza as mãos, a calçada.  
A vida é gorda, oleosa, mortal, sub-reptícia.

**Carlos Drummond de Andrade, A Rosa do Povo**